

Editorial

MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: ESPAÇOS E PRÁTICAS DE DIFUSÃO NA CONTEMPORANEIDADE (PARTE II)

Danielle Heberle Viegas¹
Wagner dos Santos Chagas²

Os artigos reunidos nessa segunda parte do dossiê “Memória e patrimônio cultural: espaços e práticas de difusão na contemporaneidade” endossam o esforço recente da historiografia em produzir estudos interdisciplinares que buscam ampliar as pesquisas não só quanto aos seus objetos, mas, notavelmente, no que diz respeito às lentes teóricas e metodológicas utilizadas em investigações sobre patrimônio cultural.

Nesse sentido, a incorporação das chamadas humanidades digitais no contexto de difusão patrimonial tem sido um tópico expressivo da agenda dos campos do saber dedicados ao tema. As humanidades digitais, afinal, correspondem à intersecção das práticas das ciências humanas convencionais com a emergência social e avassaladora do mundo digital sobre esses mesmos fazeres (BERRY, 2012, p. 19).

Embora não haja uma definição unívoca sobre o tema, o *scholarship* divide-se *grosso modo* entre aqueles que acreditam que o avanço digital transformará o humanista (o pesquisador) em mero reflexo de algoritmos e aqueles que supõem o melhoramento da *performance* do ofício humanístico (GARDINER; MUSTO, 2015, p. 5). De toda maneira, a prática contemporânea sobre o patrimônio está envolta na perspectiva digital: bibliotecas do mundo todo disponibilizam acesso a livros raros e à documentação inédita, arquivos digitalizam fontes manuscritas, entre outros exemplos.

Com base nesse lastro introdutório, apresentamos de imediato o texto de Carolina Schwaab Marçal e Patrícia Kayser Vargas Mangan, intitulado “Gestão de acervos museológicos no contexto da cibercultura”, que tem por objetivo refletir sobre a gestão de acervos museológicos fundamentada nos conceitos de cibercultura, patrimônio cultural e memória social.

Dessa forma, as humanidades digitais lembram ao pesquisador do patrimônio, sob uma perspectiva crítica, que toda a reconfiguração da informação para o mundo digital pressupõe uma mediação, pois não significam somente o compartilhamento de elementos patrimoniais por meio do uso de linguagens computacionais. Nesses termos, a própria maneira de pensar e operacionalizar a pesquisa depende gradativamente da incorporação – por vezes sub-reptícia – das linguagens digitais com as quais abordamos nossos objetos de investigação (RIEDER; RÖHLE, 2012, p. 83-86).

Sequencialmente, voltamo-nos ao texto “Reserva Biológica Estadual Mata Paludosa: paisagem, memória e patrimônio natural”, de Aline Beatriz Pacheco Carvalho, Judite Sanson de Bem e Cristina Vargas Cademartori, o qual igualmente foi produzido de uma intersecção entre dois campos do conhecimento: dos impactos ambientais e da memória social. O artigo

¹ Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Impactos Ambientais da Universidade La Salle (Unilasalle).

² Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unilasalle.

vale-se dos conceitos de patrimônio natural e de paisagem como expressão da memória e da identidade da comunidade de Itati (RS), mais precisamente na Reserva Biológica Estadual Mata Paludosa, enfatizando as consequências do desaparecimento de elementos naturais por conta das ações antrópicas. O texto convida-nos a pensar sobre a ampliação dos saberes ambientais, até mesmo no que concerne a sua patrimonialização. Para além de relatos simplórios sobre a destruição (DUARTE, 2005) pontuada no jogo entre humanidade e natureza, a discussão é atualizada pela diluição da fronteira entre o natural e o cultural (WEISSHEIMER, 2013), a saber:

O saber ambiental problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas e administração setorial do desenvolvimento [...]. Este conhecimento não se esgota na extensão dos paradigmas da ecologia [...] nem se limita a um componente ecológico nos paradigmas atuais de conhecimento [...] e se estende [...] para abrir-se ao terreno dos valores éticos dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais (LEFF; ORTH, 2001, p. 145).

No mesmo escopo interdisciplinar, o texto “Narrativas literárias e referências de tempo e espaço em paisagens representativas do imaginário coletivo”, escrito por Regina Maria Martins de Araujo Klein, Letícia Peret Antunes Hardt e Carlos Hardt, narra uma interessantíssima pesquisa que buscou analisar o contexto em que a paisagem urbana tem sido referenciada no tempo e no espaço pela memória coletiva, adotando narrativas literárias de Manhattan (Nova York, Estados Unidos) como estudo de caso.

Ainda centrada na constituição de paisagens na contemporaneidade, temos a contribuição de Marcelo Caon, chamada “Novas interpretações do patrimônio cultural edificado em tempos hipermodernos em Caxias do Sul (Brasil) e La Plata (Argentina)”, que se propôs a problematizar a constituição do campo relativo à preservação do patrimônio histórico, bem como a sua instrumentalização pelo Estado ou por grupos preservacionistas sem poder legislador, por intermédio de um desafiador estudo comparado.

No que diz respeito aos temas clássicos nos estudos patrimoniais, baseados na relação entre cultura, tradição e patrimônio, três artigos se destacam.

O primeiro, de autoria de Lucas Graeff e Alexandra Marcella Zottis, é fruto de uma pesquisa realizada com base em preceitos da antropologia, do turismo e da memória social. Foi criativamente intitulado “Turismo e patrimônio cultural: revisitando uma polêmica típica por meio de pratos típicos” e discute como a patrimonialização de dois pratos típicos de municípios do Rio Grande do Sul reflete a dinamização de produtos e práticas gastronômicas pela categoria patrimônio com vistas ao turismo cultural, bem como de que forma as dimensões econômica e simbólica se imbricam na produção de uma narrativa civilizacional de persistência, de duração e de um sentido identitário comum.

O segundo chama-se “Traje mortuário: permanências e dissidências da vestimenta da morte na cultura popular brasileira”, de autoria de Gadiago Cieser de Araújo e Rita Moraes de Andrade. O texto objetiva historicizar as práticas de utilização dos trajes mortuários e discute sua categorização como patrimônios materiais, mas também intangíveis, visto sua ligação com as mentalidades coletivas, especialmente em cidades interioranas do Brasil. Oportunamente, lembramos aqui, mais uma vez, da classificação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que considera bens culturais imateriais todas as práticas e domínios sociais que se manifestam em “saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)” (IPHAN, 2018).

Finalmente, o texto “Yeddo Titze, a micro-história e a tapeçaria artística”, de Lorilei Secco, traz como tema central a tapeçaria no Rio Grande do Sul enquanto linguagem artística, por meio de uma investigação biográfica de Yeddo Titze, um dos pioneiros da arte têxtil no Rio Grande do Sul.

Parece-nos, à guisa de uma síntese, que o desafio recente no que tange aos espaços e práticas de difusão patrimonial está ancorado na discussão do próprio conceito de patrimônio à luz da interdisciplinaridade: desde às humanidades digitais, passando pelo saber ambiental e pelos estudos em memória, tradição e turismo, os caminhos apontam para problemáticas que não poderiam ser encarceradas em um único campo de conhecimento, como o dossiê ora apresentado revelou enfaticamente.

REFERÊNCIAS

BEDNARZ, Sarah Witham; KEMP, Karen. Understanding and nurturing spatial literacy. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 21, n. 1, p. 18-23, 2011.

BERRY, David M. Introduction: understanding digital humanities. In: BERRY, David M. (org.). **Understanding digital humanities**. Houndmills: Palgrave Macmillan UK, 2012. p. 19-41.

DRUCKER, Johanna; KIM, David; SALEHIAN, Iman; BUSCHNG, Anthony. **Introduction to digital humanities: concepts, methods, and tutorials for students and instructors**. Los Angeles: Dh101, 2014.

DUARTE, Regina Horta. **História & natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GARDINER, E.; MUSTO, R. G. **The digital humanities: a primer for students and scholars**. Cambridge University Press, 2015.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Patrimônio imaterial. In: DICIONÁRIO do Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85>. Acesso em: 20 fev. 2018.

LEFF, Enrique; ORTH, Lúcia Mathilde Endlich. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RIEDER, Bernhard; RÖHLE, Theo. Digital methods: five challenges. In: BERRY, David M. (org.). **Understanding digital humanities**. Houndmills: Palgrave Macmillan UK, 2012.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Paisagem cultural brasileira: do conceito à prática. **Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, v. 5, n. 2, 2013. Disponível em: http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/download/116/103.